

CORPO, NATUREZA E SOCIEDADE NAS MINAS (1680-1730)

Maria Odila Leite da Silva Dias*

Resumo

Trata-se de uma leitura interpretativa do tratado de medicina *Erário mineral*, escrito em 1735 por um cirurgião licenciado, resumindo conhecimentos acerca das doenças e das virtudes medicinais das plantas nas minas de ouro do Brasil. Interessa ao estudo da formação de uma cultura híbrida dos costumes relativos ao corpo humano na época da mineração, pois contém receituários, boticas e feitiços das tradições populares do norte de Portugal, dos índios carijós, de escravos mina e bantu. Aprofunda o estudo da circularidade de conhecimentos eruditos e populares e do convívio de camadas diferenciadas da cultura de fins do século XVII, relativos a cirurgia, anatomia, farmácia, alquimia, feitiços e simpatias. Explora formas de convívio dos corpos na sociedade escravista da mineração, modos de ser coletivos, solidariedades, sociabilidades nas quais ainda não existiam as esferas de intimidade e o individualismo da ideologia burguesa no século XVIII.

Palavras-chave

Medicina popular; alquimia; anatomia; ervas medicinais; culturas do corpo; séculos XVII e XVIII.

Abstract

This is an interpretative reading of a book published by the Portuguese surgeon Luis Gomes Ferreira, in 1735, entitled Erário Mineral, about illnesses and the healing properties of herbs found in the Brazilian gold mines. It documents the making of a new and hybrid culture of the human body, presenting syncretic recipes, medicines, and pharmaceutical plants of peasant traditions from the north of Portugal, of Carijó Indians, of Mina and Bantu African slaves. This article explores the various and different layers of 17th century learned and popular culture, concerning anatomy, surgical techniques, pharmaceuticals, alchemy and witchcraft healing habits. It documents peculiar forms of bodily interactions in a colonial slave society, characterised by gregarious and collective sociabilities that lacked ignored the spheres of intimacy and the individualism of the bourgeois ideology current in the 18th century.

Key-words

Popular medicine; experimental sciences; body culture; anatomy; alchemy; healing plants; 17th and 18th centuries.

Disse eu que eramos obrigados a curar as doenças conforme a região e o clima, aonde nos achássemos, a razão nos ditasse e a experiência nos ensinasse; porque os auctores, quando escreverão, estavam em outras terras muy remotas, e de diferente clima, e não tinham notícia deste.

Erário Mineral, 247¹

O corpo humano tem sua historicidade e sabemos como são relativos os costumes e os modos de ver e de inserir o corpo dos outros na perspectiva de nossa visão de mundo. Quase tudo o que pensamos hoje em dia nos impede de entender a natureza do corpo nos primeiros tempos de povoamento das minas de ouro. Era um corpo coletivo e fragmentado, diferente do nosso, que passou por um processo de individualização com o surgimento, no século XVIII, de uma ideologia burguesa de relacionamento entre corpos nas diferentes classes sociais. Era um corpo dissolvido na comunidade dos demais, que desconhecia os critérios de intimidade que passaram a normalizar as relações de gênero e a vivência física dos corpos na sociedade ilustrada. Em 1735, quando o cirurgião Luis Gomes Ferreira publicou seu livro sobre doenças no clima das Minas, cuidava de descrever especificidades de casos curiosos e de improvisar a substituição dos remédios de boticas inexistentes nos arraiais do ouro. Sua principal preocupação era com o equilíbrio entre o clima e as reações do corpo. Sua iniciativa preenchia necessidades do momento, tais como a de divulgar por escrito os *segredos* de novas plantas e reinventar a arte curativa dos remédios antigos. Seu livro oscila entre um manual de medicina e um repositório de tradições da cultura popular do norte de Portugal. Era preciso guardar a memória das virtudes curativas e redescobrir *segredos* novos das plantas do Brasil para refazer a ruptura entre o meio do Minho e o clima das Minas; suprir as vulnerabilidades dos corpos tendo em vista a hierarquia das castas dos senhores e dos escravos, aliviar o medo da morte e procurar desvendar segredos para garantir a harmonia de humores ameaçadores; cuidar da saúde de compatriotas recém-chegados com seus muitos escravos da Costa do Ouro, de Moçambique e de Angola, cada um e todos com suas singularidades a serem adaptadas ao clima diferente das Minas.

Levar em conta tais especificidades e buscar plantas medicinais nativas era então mais importante do que aplicar ao doente uma tipologia de sintomas. Para Luis Gomes Ferreira e seus contemporâneos, o corpo não era ainda um mecanismo, uma unidade de órgãos interdependentes. A circulação do sangue e dos humores corruptos apontava para a necessidade de interpretar cadeias de correspondências e de analogias com o vento, as águas, a umidade, as plantas e os animais. Corpo e saúde passavam pelos movimentos da grande

cadeia dos seres, que articulava o micro ao macrocosmo. Em seu livro *Imaginário da magia*, refere-se Francisco Bethencourt à vulnerabilidade do corpo exposto à ação das forças ocultas: “Subjacente a esta sensibilidade, o corpo é concebido como um microcosmo diretamente ligado ao universo visível e invisível, o que explica a fluidez de fronteiras entre o corpo e o meio que o rodeia, em outras palavras, sua vulnerabilidade essencial”.²

Linneu já tinha escrito, em 1716, um primeiro ensaio de classificação e tipologia dos seres naturais. Newton revolucionara o cosmos do Renascimento e a matemática competia com a química para definir campos privilegiados de conhecimento dos homens. Descartes já era amplamente lido, mas o que viria a ser determinante para a ciência moderna ainda não estava claro. No *Erário mineral (EM)*, deparamo-nos com modos diferentes de conceber e cuidar do corpo. Esse livro revela o quanto conviviam, em fins do século XVII, culturas nitidamente diferenciadas e superpostas no cotidiano das populações européias e portuguesas. Nele justamente convergiam correntes de opiniões que destoavam das tendências que viriam a ser determinantes da ciência iluminista. Na vanguarda dos conhecimentos científicos e nos meios universitários das primeiras décadas do século XVIII, ainda vigoravam práticas da alquimia ou os preceitos de Galeno, simultaneamente à divulgação de conhecimentos anatômicos novos, que tenderiam a impor um conhecimento mais especializado, fundamentados no estudo dos vários órgãos do corpo. A prática da dissecação ainda não redimensionara o corpo humano como um mecanismo científico.

Médicos e cirurgiões concebiam o corpo dentro do seu meio ambiente e em estreita relação com os elementos do clima e da natureza. Começavam a ser divulgadas as pesquisas minicorpusculares do aparelho auditivo, dos glóbulos vermelhos, das válvulas dos vasos linfáticos,³ dos espermatozóides. A Escola de Medicina de Paris resistia às inovações trazidas pela Química e se mantinha mais ligada às teorias dos humores de Galeno. Somente em 1770 é que incluiria uma cadeira de Química nos estudos de Medicina. O *Jardin des Plantes* foi fundado para garantir um centro alternativo de estudos voltados para a Química. A Escola de Montpellier já se abrira a novas pesquisas desde 1673, assim como os principais centros médicos dos Países Baixos, da Itália, da Inglaterra, da Alemanha.⁴

Desde o século XVI, dissecar cadáveres desvendou novos horizontes de conhecimentos anatômicos, mas os entendidos ainda punham em dúvida a validade de comparar seres mortos à matéria viva. A *matéria extensa* de Descartes, para os que se dedicavam à alquimia, dentre os quais sabemos que se destacava o próprio Newton, ainda denotava sentidos crípticos. Aos poucos, dera-se um distanciamento importante entre a *natura naturans*, que dizia respeito à natureza divina e a *natura naturata*, que incluía processos da natureza responsáveis por si mesmos e sujeitos a causas secundárias, mas não mais a intervenções diretas de Deus.⁵

Para os discípulos de Paracelso e os seguidores da iatrofísica ou iatromedicina, o corpo tinha seu arcano ou princípio vital, que algumas escolas médicas chamavam de *anima*. Para os gregos, este princípio vital se localizaria no coração. Aristóteles dizia que o coração era o princípio da vida assim como o Sol, do microcosmo. Para os orientais, o princípio vital se localizaria no abdômen; os ocidentais ainda se apegavam ao modo de ver de Galeno, que atribua ao cérebro a primazia do centro vital da saúde do homem. Havia uma sobreposição de culturas a respeito da natureza, e, apesar do poder da Igreja e da Inquisição, o modo de estudar o corpo e de observar os fenômenos da natureza combinava elementos da alquimia a um processo de secularização dos sentidos.⁶

A descoberta, por William Harvey, da circulação do sangue, em 1619, tornara anacrônica a crença de que o fígado era o centro do sistema sangüífero, a que entretanto continuavam apegados os seguidores de Galeno até fins do século XVII. Robert Fludd, discípulo de Paracelso, estudou a distribuição química do sangue, que, segundo ele corria em círculos, imitando o movimento do Sol.⁷ Na obra de Luis Gomes Ferreira, a circulação do sangue, a partir do coração, convivía com os humores fleumáticos e melancólicos do cérebro e com os humores biliosos do fígado. Nesta época, conheciam-se as artérias e as veias, mas não o modo como se relacionavam umas às outras.⁸

Em 1730, em Portugal, havia discípulos de Paracelso chamando a atenção para a importância de se estudar a eliminação dos resíduos químicos pelos órgãos vitais do corpo.⁹ Esses conhecimentos, baseados na astrologia e na alquimia, difundiram-se, desde a Alemanha, através de confrarias secretas como a Rosa-Cruz, que tinha afinidades com os *alombrados* da Espanha. Pesquisavam elementos básicos como o mercúrio, o enxofre, o sal. Cada órgão do corpo seria regido por influências astrológicas específicas. O coração seria regido pelo Sol, o cérebro pela Lua, a vesícula por Saturno, os rins por Vênus, o fel por Marte, o fígado por Júpiter.¹⁰ Os discípulos de Paracelso, apesar de perseguidos pela Inquisição, teriam influência significativa na área da química; inauguraram uma escola de Medicina, chamada iatrofísica, que teve adeptos em Portugal nos séculos XVII e XVIII.

Luis Gomes Ferreira, seguidor dessa tendência, também insistia na importância dos humores cacoquímicos do corpo, sobretudo no sistema digestivo e nas gripes (*EM*, 2). Tratava-se de estudar os resíduos de metais e minerais, que se confundiam com os humores do sangue e contribuía para provocar doenças. A química contribuía para o progresso da medicina, e os alambiques tanto poderiam destilar aguardente como extrair o sumo medicinal de plantas. O cirurgião instalado em Sabará acreditava na eficácia de remédios químicos como o óleo de ouro, tão eficaz para curar feridas e gangrena nas Minas. Entre suas receitas, figurava um emplastro de Saturno para chagas antigas.

A prática da medicina não tinha um bom acolhimento na hierarquia social da época.¹¹ Os médicos tinham um lugar na aristocracia do espírito, pois seu saber provinha dos livros e do ensino universitário. Entretanto, os tratamentos estavam entregues à figura de práticos, como cirurgiões licenciados e boticários, vistos de certa forma como secundários na hierarquia dos saberes com relação aos médicos.¹² Aqueles partiam do princípio de que a medicina dependia mais da experiência do que das autoridades consagradas pelos livros. Justamente entre os cirurgiões práticos é que havia resquícios dos milenaristas das últimas décadas do século XVI, voltados para a regeneração dos costumes, a reforma do ensino da medicina e a assistência caritativa a pobres e necessitados.

Luis Gomes Ferreira formara-se no Real Hospital de Todos os Santos, em Lisboa, que fora, até a década de 70 do século XVIII, o principal centro de estudos em Portugal para cirurgia, anatomia e doenças contagiosas. Cioso de suas convicções alternativas e oprimido por um certo complexo de inferioridade em razão de sua condição secundária de cirurgião prático, investia contra o saber das autoridades antigas e dos médicos apegados a autoridades livrescas. “*Escrevo observações e não autoridades*” (EM, LIX). No prólogo de seu livro, ao mesmo tempo em que se desculpava por tratar de medicina sem ser médico, justificava-se lembrando que a cirurgia era parte importante das ciências médicas e que, na verdade, dada a falta generalizada que havia de médicos, era necessário que cirurgiões dessem a público os conhecimentos adquiridos na prática da cura. “*No tabernáculo de Deus, cada um oferece o que tem; no teatro do mundo cada hum diz o que sabe, ou o que pode*” (EM, LVIII).

Em Portugal, as confrarias de práticos provavelmente contribuíam para manter vivo o saber da medicina tradicional, da alquimia, da astrologia e de vertentes alternativas de pensamento do Renascimento, malvistas pelos centros universitários e pela Inquisição. Dentre estes, tem-se a vertente inaugurada em Florença, no século XV, por Marcelo Ficino, que traduziu o tratado de feitiçaria de Hermes Hermegistus sobre práticas esotéricas de egípcios, babilônios, caldeus, recuperando a tradição dos herméticos, assim como a obra de Giordano Bruno, para quem imaginação, magia e observação eram possibilidades igualmente inovadoras do conhecimento.¹³ Paracelso foi um pilar de um conhecimento médico alternativo, que exaltava o empirismo contra os dogmas escolásticos. Para ele, as palavras *imaginação* e *magia* teriam a mesma raiz etimológica. Não hesitava em lançar mão de recursos da alquimia e da magia, juntamente com a pesquisa de novos remédios, para salvar agonizantes.¹⁴

Havia toda uma cadeia de nuances sutis unindo a magia à ciência e a ciência à feitiçaria. Basil Willey, em seu estudo sobre os metafísicos de Cambridge do século XVII, explorou a solidez dessa liga entre ciência e religião, que ainda estava longe de se romper. Keith

Thomas documentou a persistência da magia na cultura européia até nossos tempos, criticando as perspectivas ideológicas que nos impunham o projeto de uma ciência moderna liberada das tradições da religiosidade popular.¹⁵

Em fins do século XVII e na primeira metade do século XVIII, coexistiam escolas de pensamento de diferentes tendências, todas elas antecipando o advento da ciência nova da modernidade. O pensamento hegemônico era o escolástico e aristotélico, sancionado pelas autoridades da Igreja e das universidades. Pascal, Newton e Descartes antecipavam um conhecimento matemático e racional da natureza e do corpo que viria a ser determinante no advento da ciência moderna. Mas existiam também os tributários das escolas neoplatônicas do Renascimento e outros mananciais de pensamento sobre corpo e natureza, que divulgavam a importância da observação, da experiência, assim como de outras formas de interpretar as forças ocultas da natureza, suas correspondências, analogias, repugnâncias ou antipatias. Não era ainda clara a ruptura entre os fenômenos naturais e os ocultos. Estavam irremediavelmente imbricados uns nos outros. De modo geral, Luis Gomes Ferreira mostrava-se irreverente com os antigos, tomando o partido dos modernos na querela da época.

O doutor Francisco Baile falou naquelles tempos muyto a favor no que exponho nestes; porque diz, fallando das artes, que a razão de não terem chegado a toda a sua perfeição, he porque os professores dellas se accumulão nas opinioens antigas, de sorte que as suppoem estabelecidas como taboas da ley. Diz mais, que huma das principaes causas, por que se não chega a fazer ou estabelecer opinião certa e permanente, he porque nunca acompanha a experiência o discurso, que são os dous pólos, em que se sustenta toda a maquina das artes; e finalmente diz que quando o discurso se encontrar com tanta duvida, que não atine com razão certa, que o satisfaça, se recorra á experiência. (EM, 487-8)

Para Louis de Certeau, no período que transcorreu entre o século XVI e fins do século XVII, a linguagem e o pensamento moderno estavam ainda em processo de elaboração. Havia ruptura de tradições e fragmentos de sentido que ainda não tinham encontrado uma linguagem que os interpretasse. O cálculo matemático seria, para Leibniz, um modo de resolver o impasse entre singularidades e sentidos universais. Os vazios entre o discurso e a experiência encontravam um amplo espectro de possibilidades. Buscar o novo, peregrinar por terras incógnitas, esses atos pressupunham experiências que não encontravam no vocabulário das línguas vulgares referenciais capazes de traduzi-los. A retórica abundava em recursos de linguagem que traduziam a ambivalência de conceitos como observação e experiência.¹⁶ Para o cirurgião-mago das Minas, havia um hiato ou espaço vazio entre a observação de experiências novas e a tentativa de adaptar, ao receituário médico e mágico, essências e remédios desconhecidos de seu vocabulário. Medicina e magia constituíam um amálgama de possibilidades no estudo da natureza e do corpo.

Desde meados do século XVI, coincidindo com a expansão da imprensa, surgiu a moda de tratados e compilações de conhecimentos vários. Um tipo de obra comum nesta época de busca de experiências novas eram os compêndios de miscelânea e variedades. Por volta de meados do século XVI, Manuel Severim de Faria escreveu um manuscrito a que deu o título de *Relaçam varia de diversas questoens*.¹⁷ Era uma pequena enciclopédia de questões diversas, como gastronomia, sistema de pesos e medidas, informação sobre transformação de materiais na indústria e na natureza, receitas para tratamento de várias enfermidades, assim como receitas contra feitiço e mau olhado. *O Erário mineral*, publicado cerca de um século e meio depois, manteve o mesmo formato de compilação de receitas de medicina, tratamentos para mau-olhado e conhecimentos práticos de diversas utilidades. O saber enciclopédico ainda não encontrara a ideologia da razão natural para costurar projetos de atuação sobre a natureza e a sociedade.

A motivação básica desse saber enciclopédico era o interesse em explorar o que se mostrava útil para o homem, dentro de uma diversidade de possibilidades que abrangiam formas ambivalentes de descrever a natureza. O conceito de utilidade de certa forma rompia com consensos e se abria para o campo das experiências proposto por Francis Bacon; entretanto, ainda incluía a exploração das virtudes e das forças ocultas da natureza. Luis Gomes Ferreira assumiu posturas de crítica aos sábios, aos médicos consagrados, às autoridades e também com relação às feiticeiras, às comedeiras ou às curandeiras. Incorporou em sua obra, entretanto, ao lado de tratamentos medicinais, remédios contra feitiços. Divulgou segredos de feitiçaria que achava pudessem ser úteis aos moradores das Minas. Dentro do seu critério de utilidade, orientou-se para o campo de experiências novas, compatibilizando as novas receitas químicas com os remédios tradicionais da alquimia, assim como receitas contra mau-olhado. Revestia os conhecimentos novos com um discurso ou uma linguagem tradicional.¹⁸

Para Luis Gomes Ferreira, o clima dos trópicos era desconhecido dos médicos europeus e exigia remédios novos. Em inúmeras passagens de seu livro, narrou as polêmicas travadas, pelos caminhos do sertão do São Francisco ou nos arraiais da mineração, com médicos ou entendidos de cujas opiniões divergia. No clima úmido e frio das Minas, os doentes estranhavam os remédios das boticas européias. Remédios e curas válidas para Portugal deixavam de sê-lo na região do ouro. Formado na escola dos seguidores de Paracelso, achava que a própria alquimia deveria ser adaptada ao hemisfério sul. Opunha ressalvas contra certos usos, nas Minas, do antinômio, assim como do mercúrio ou azougue, tão empregados na Europa, mas que, no clima das Minas, tornavam-se até perigosos para a vida humana. A seu ver, como não tinham conhecimento acerca do clima, mas somente experiência, era importante “*dar maior fé à experiência do que à razão*” (EM, 32).

Luis Gomes Ferreira afirmava suas opiniões próprias e pouco esperava da censura ou do assentimento público. Divulgava receitas com as quais obteve sucesso com doentes que salvou. As doenças variavam, e também as curas.

Cada hum as curará como melhor entender, que eu não estou mais obrigado, que a dizer o que entendo e o que tenho observado, não como desejava mas como o tempo mo permite. Quem usar deste modo curativo, que exponho, me dará o agradecimento, ainda que não o espero e escusará de fazer as despesas em boticas, que estão fazendo os senhores dos escravos, e muytos brancos; terão menos tempo de doença e menos perdas; e quem fizer mais caso da opinião deste mundo, que da conta que há de dar a Deos, faça o seu dictame, e não a minha advertência, que algum dia ou no fim delles lhe fará pendor. (EM, 35)

Escrevia para o homem comum e de preferência para os pobres, necessitados de remédios mais acessíveis e baratos que os das boticas. Seu livro era um receituário de práticas e de “*receitas para os faltos de noticia que vivem pelo mato*” (EM, 54-55, 37, 80), para os homens de qualidade ou casta inferior, para os escravos, para os proprietários pobres de escravos caros, para os brancos pobres que andavam descalços e desnutridos, sem senhores que os alimentassem. Preferia escrever claro e ser entendido por homens simples a escrever bonito e de modo hermético.

Substituir remédios de botica por plantas nativas parecia-lhe uma necessidade de saúde pública:

(...) com quanta mayor razão e virtude obrarão os [remédios] que estão no seu clima e natural com toda a sua força e vigor. Se obrarão melhor estes do que os que vem das boticas em Portugal, passando a linha, onde tudo degenera; depois às boticas dos povoados desta América e desta as destas Minas, onde em humas e outras estarão annos e annos. Julguem os affeiçãoados destes, é pouco curiosos dos outros, quanta differença irá, se será como de vivo a pintado (...). (EM, 80)¹⁹

As enormes distâncias dos sertões faziam que as boticas, quando existiam nos arraiais, ficassem na maior parte das vezes a dois ou três dias de cavalgada ou de percurso a pé. Os doentes que dependiam dos remédios tradicionais preparados nas boticas sofriam a exploração dos preços exorbitantes cobrados pelos boticários.²⁰ Eram obrigados a correr os riscos de vários dias de transporte até a botica mais próxima, por caminhos difíceis, que percorriam, às vezes desmaiados, numa rede levada por índios ou a cavalo, com os escravos, se ainda lhes sobrasse para tanto resistência física (EM, 247).

A crítica aos procedimentos farmacêuticos e aos remédios de botica era uma característica dos discípulos de Paracelso, que se dedicavam à alquimia e foram pioneiros de descobertas químicas importantes. Eram contra as curas galênicas, baseadas na sangria e nas purgas, assim como criticavam a teoria dos humores do corpo.

Luis Gomes Ferreira criticava os produtos das boticas e era contra a prática das sangrias e das purgas; a seu ver, na região do ouro, faziam mal à saúde. Nisso se antecipava de quase sessenta anos às opiniões dos médicos europeus: “*He o sangue o azeite em que se conserva a luz da candeya da vida; quanto mais azeite tiver a candeia, tanto mais tempo durará a luz della, e (...) porque faço grande escrupulo de não dizer a todos o quanto importa sangrar pouco para viver muyto*” (EM, 53). Essa era um dos seus principais argumentos contra as curas galênicas no clima das Minas. Somente a partir de meados do século XVIII, escreve Georges Vigarello, é que os médicos europeus começaram a desaconselhar e a tomar cuidado com excessos na prática da sangria ou das purgas.²¹

Apesar de os autores afirmarem que, ao longo do tempo, as sangrias traziam alívio aos doentes, não era o que Luis Gomes Ferreira observava na experiência do dia-a-dia:

(...) ainda digo mais, que os muytos sangrados nestas Minas não so ficam muyto expostos a todas as enfermidades referidas, senão que todos ou quase todos ficão opilados, de tal sorte que não podem bulirse, nem arrastar as pernas e muytos vi, que, por causa das sangrias, perderão a vida ou ficaram tão fracos que passaram meses sem poderem voltar ao trabalho. (EM, 53)

Os doentes de pleurisia ou de infecções pulmonares, por exemplo, deveriam evitar sangria nos braços, mesmo que recorressem eventualmente a uma leve sangria nos pés. A dos braços, mesmo quando praticada do lado contrário ao achaque, chamava os humores para a parte de cima, justamente onde já havia concentração de humores frios, viscosos e crassos. “*E por este mesmo modo tenho visto morrer a muytos; e assim que não so nessas Minas, senão também em todo o Brasil se tem a sangria nos braços somente por muyto ma, tanto na opinião do vulgo como pela experiência assim o ter mostrado*” (EM, 33).

Era também contra os vomitórios para doentes com sufocação da respiração, por chamarem os humores para a região afetada:

(...) he de advertir que os doentes que tomavão [vomitórios] em pontadas com respiração apertada ou falta della, todos morrião suffocados; e os que eu purgava com purgas solutivas, que são todas as que puxão os humores para bayxo, quase todos livravão; porque vae grande diferença de puxar os ditos humores para longe donde está a causa, ou puxallos para a mesma causa, acrescentando-a. (EM, 24)

Nessa época, tanto na França como na Inglaterra, as sangrias, as purgas e os vomitórios eram muito bem aceitos. Predominava ainda nos diagnósticos a idéia da importância do equilíbrio dos humores quentes e frios; era importante dissipar os vapores malignos que interferiam no equilíbrio do corpo humano. Georges Vigarello chamou a atenção, na se-

gunda metade do século XVII, para a introdução de um hábito novo, o de tomar sudoríferos, que consistia numa forma mais suave de purgar os humores do corpo do que as sangrias ou os purgantes.²² Isso era amplamente praticado nas Minas:

Esfregado o corpo e tomada qualquer das bebidas, se abafará bem para suar com a roupa, que for suficiente; pois todo o intento e empenho, que nesta cura deve haver he abrir os poros para suar e promover a circulação assim do sangue, como dos mais humores; porque neste gênero de doença os poros estão fechados e a circulação parada ou retardada; e assim que abrindo-se os poros e fazendo a circulação com os remédios assima ou outros semelhantes que sejam diaforéticos, e vulnerários, ou sudoríficos. (EM, 439)

Dentre os discípulos de Paracelso e partidários da iatromedicina, médicos famosos como Van Helmont e Robert Fludd optaram por caminhos ecléticos, associando os remédios químicos à teoria dos humores. Entretanto, provocar a transpiração exigia cautela; Luis Gomes Ferreira dava muita importância aos riscos ocasionados pelo ar frio, advindos do expor-se suado a um vento frio ou andar descalço sobre a grama molhada. Os humanistas do Renascimento tinham recuperado as obras de Hipócrates, nas quais ele descrevia os efeitos da mudança de clima e de temperatura sobre a composição dos quatro elementos e dos humores no corpo humano. Montaigne resgatara a importância das variações climáticas sobre a saúde, os costumes e as diversidades culturais. Sentia-se motivado, Luis Gomes Ferreira, ao dedicar longas páginas aos diagnósticos das doenças causadas pelas baixas de temperatura e pela umidade do clima das Minas. “*As temperaturas variavam de modo inimaginavel; os humores frios apertavam mais à noite, quando piorava a tosse e o doente ficava sem dormir, sendo nesses casos recomendavel aplicar compressas peitorais e expectorantes*” (EM, 49). Paracelso, em seu tratado de alquimia, lembrava que os médicos deveriam ser os intérpretes das relações entre as doenças e os astros. Como intérpretes dos arcanos, deveriam ter o dom de imitar a natureza e, para tanto, tinham de ser conhecedores profundos do clima, das essências, das forças naturais e das propriedades das plantas. Os arcanos eram voláteis e não corpos terrestres; eram influências e potencialidades dos astros e do clima, tidos por Paracelso como os fundamentos da medicina. Em qualquer doença, eles eram o caos, e, no entanto, algo de claro e diáfano, um fenômeno a ser interpretado pela alquimia nas suas conjunções específicas e na duração de suas maturações.²³ O médico seria o intérprete das forças da natureza agindo sobre o corpo humano.

Eram inúmeros os conselhos de saúde especialmente dirigidos aos moradores recém-chegados às Minas. Nunca deveriam andar descalços, pisar em terra úmida ou conservar no corpo uma camisa suada. Deveriam tomar cuidado com a água fria e nunca entrar suados num rio.

Pela manhã quando se levantarem da cama, nela se há de vestir, e calçar; e se costumarão a trazer sertum de duas baetas quem puder, ou de baeta forrado de pano de linho, ou de brim, que tanto que qualquer pessoa se acostumar a trazello lhe não será penoso. (EM, 448)

Os resfriamentos, as pleurisias e as peripneumonias eram as principais causas de mortalidade nas Minas:

Não molhará o corpo, nem trará os pés húmidos, nem enxugará camisa no corpo por nenhum caso se a suar, que não será mau, tirando-a logo; não comerá cousas crassas, ou de ruim digestão, nem cousas frias e húmidas, nem frutos ou frutas da terra salvo por necessidade alguma banana de S. Thome assada. (EM, 79)

Condenava enfaticamente o uso da aguardente da terra, “abominável e miserável vício”, por cuja causa muitos tinham morrido nas Minas com as entranhas assadas, “porque tem certas qualidades muyto contraria a nossa natureza” (EM, 446 e 470). Entretanto, recomendava vivamente, para resfriados, esfregações de pano quente com folhas de arruda, mostarda preta, gengibre, cravo da Índia pisado. Todos esses componentes deveriam ser fritos em urina:

(...) estando o pano bem quente se esfregará todo o corpo, muito bem esfregado, desde a cabeça e braços ate as pernas, metendo a mão por baixo da roupa e a casa bem livre de ar ou quente como fogo; e tanto que o pano ficar seco, se lançara na água ardente que ficou na vasilha, tornando-o ao fogo para ficar quente e logo se tomará a continuar a esfregação de tal modo que de nenhum modo dê o ar nas partes esfregadas. (EM, 438)

Suar muito e passar por uma corrente de ar ou tomar água fria bastavam para causar as piores complicações de saúde. O clima era traiçoeiro; guardar roupas úmidas ou molhadas, deixando que secassem sobre o corpo, era uma imprudência sem nome (EM, 12, 147). Era muito perigoso:

(...) estando suado, beber muyta água fria, ou estando na cama quente, sahir della nu para o vento, ou levantando-se de algum acto venéreo, que he ajuntamento com mulher, tendo então os poros abertos, e por isso perigosíssimo; ou acabando de fazer algum serviço, trabalhando braçalmente, se lavar ou fartar de água fria, como fazem os trabalhadores destas Minas, ou viandantes das estradas, fiados em que as águas das Minas não fazem mal (como todos dizem) ou porque andando nos serviços de lavras, ou de rossas, trabalhando suados, se molhão com chuva e molhados se deyxam ficar ate ficarem frios; ou porque não tem outra roupa para mudar, ou porque barbaramente a deyxão enxugar no corpo, estando parados ou com pouco exercício, de modo que não andan sempre (que he o melhor) ou porque suando a camisa, a deyxão enxugar no corpo sem a tirarem, e outras causas a estas semelhantes, como assistir em casa húmida com paredes molhadas sem estarem bem secas. (EM, 436)

Quando os doentes pediam ao médico roupas de cama limpas, alguns achavam que a mudança súbita do estado de imundície para a limpeza poderia fazer mal. Pessoalmente, ele recomendava a troca constante de lençóis, lavados à mão e defumados com alecrim. A roupa alva e bem lavada ajudava a limpar os vapores sujos exalados pelos doentes (EM, 186). Neste aspecto, estava com os médicos franceses de vanguarda. Trazer roupas limpas era certamente um hábito mais sadio do que se expor ao perigo do contato com água fria, sobretudo ao tomar banhos de corpo inteiro; mesmo os meios banhos eram desaconselhados.²⁴ Os lava-pés eram perigosos para a vista e tendiam, ao longo do tempo, a enfraquecer quem fazia uso freqüente desse ritual. Os banhos de assento, entretanto, não eram apenas necessários, mas imprescindíveis nas Minas (onde o mal do bicho ou máculo tomava proporções epidêmicas). No caso de diarréias, era importante lavar constantemente as partes baixas. Convinha, entretanto, cercar-se de mil cuidados para evitar friagem ao se tomar banho de assento. Aconselhava pôr um tacho com água fervendo “*debaixo de hum assento de paos a modo de grade, de modo que o doente se cubra bem coberto e em redondo, de modo que lhe não entre o ar e o tacho, quando se puser embaixo de girao ou assento, há de ir fervendo para sustentar mais tempo o calor*” (EM, 361).

Os conselhos para precaver-se contra doenças e alimentar-se bem tomaram uma boa parte do *Erário mineral*. Os alimentos nas Minas, além de caros, eram em geral mal cozidos ou pesados. Ele entremeava, em seu texto, instruções minuciosas sobre como ferver e coar os alimentos, lentamente, em panelas de barro ou em pratos de estanho, às vezes fervendo pregos na panela de barro juntamente com a comida. Os mantimentos nas Minas não tinham a mesma “*sustança*” dos alimentos do Reino. Comia-se mal, poucas vezes por dia, freqüentemente tarde, depois da meia-noite; os alimentos eram mal cozidos, de má qualidade, muito salgados ou excessivamente gordurosos. Para a saúde, era preferível comer seco (EM, 87).

Onde há maus cozimentos no dito estomago há muitas cruexas nelle e nelle paixão a fazer as obstruções e enchimento de humores no corpo e outras muytas doenças e também por serem muyto de seus mantimentos frios, flatulentos, mal cozidos, por cuja razão indigestos. (EM, 12)

Os cozimentos de água com raiz de capeba e butua, assim como os chás, eram excelentes digestivos, a que os moradores deveriam recorrer a toda hora e muitas vezes durante o dia, pois “*he bebida admiravel para fazer bom cozimento, discutir flatos, aquentar os homores, fazellos circular e também para a tosse, se a houver (...)*” (EM, 26). Nos primeiros tempos, entrando pelos matos, ficavam os povoadores reduzidos a comer caça, pesca ou carne de macaco e formigas. Ficou famosa a frase do cronista Antonil, que

descreveu as crises de falta de alimentos, quando acontecia de homens morrerem de fome com uma espiga na mão...²⁵ Os primeiros povoadores das Minas estranhavam os caminhos, o clima, os mantimentos, e ficavam desnutridos e doentes:

(...) faltava a experiência daquele modo de vida do dilatado terreno das Minas, dos grande empenhos dos mineiros, das mortes continuadas, fugidas e doenças dos escravos, das repetidas mudanças dos moradores, que hoje se achavam naquela vila, amanhã no Sabará e no outro dia não apareciam (...).²⁶

Luis Gomes Ferreira descrevia, por ouvir dizer, como eram as jornadas ao longo das estradas, por caminhos novos onde ainda não existiam ranchos e roças para alimentar os viajantes:

Com grande risco de vida, o caminho para ellas são ainda por grandes matos e dizem gastarse mais de seis mezes, segundo dizem os paulistas e a maior parte do caminho he andar por rios e se não come por elle senão caça brava, como são papagaios macacos tucanos e várias castas de animais e sobre o maior perigo as mtas onças, q. para isso qdo. parte gente para ellas vão 400 peças quinhentas, q. das Minas Geraes pação de ter ido mais de 4000. estas pella maior parte todos mineiros, todos estes vão a fazer fortuna e varios delles riquiçimos, q. o mais povo lhe julgam a estes a sua morte. (EM)

O comerciante Francisco da Cruz, em carta de Sabará, escrita em dezembro de 1725, reclamava de dureza de estômago e o médico atribuía esse mal à falta de exercício, pelo fato de ele andar a pé, trabalhando sentado como escrevente no cartório.²⁷

O abastecimento dos gêneros de primeira necessidade era precário e os preços, volta e meia, ficavam muito elevados por causa da especulação de atravessadores. Em 1725, escrevia o comerciante para seu patrão em Lisboa. Queixava-se da vertiginosa inflação de preços, tanto dos produtos importados como dos gêneros da terra:

(...) entendo que tudo isto me proçede do mto. callor q. nesta terra há, aonde arde todo o mundo nelle, e junto com o tal huma grande cegua q. Ds. Por q. m he nos acuda, porquanto toda a casta de fazendas comestiveis se vão pondo numas alturas, que lhe afirmo a VM não saber em q. isto a de vir a parar (...).²⁸

Logo um ano depois, em 1726, sob o impacto da descoberta de diamantes em Serro Frio e de ouro em Minas Novas, havia um grande êxodo de pessoas; os preços das casas, das lavras e das roças tinham caído para menos da metade. Havia quem vendesse uma casa pela metade do preço, assim como engenhos e fazendas eram abandonados por meia arroba de ouro.²⁹

A situação de instabilidade de preços, de insegurança, de endividamento e de violência parecia dar o tom da vida de todo dia nas Minas. Luís Gomes Ferreira recomendava calma e tranqüilidade aos que quisessem conservar a saúde. “*Evite todas as payxoens da alma, como ira, tristeza e o mais que poder inquietar o animo, porque lhe será de grande dano*” (EM, 275). Reiterava a advertência de evitar “*as payxoens da alma, que esquentão muyto os humores* com o conselho de andar *lubrico de ventre*” (EM, 277). Não distinguia entre o corpo e a mente. Bom discípulo dos alquimistas, para ele o dentro e o fora tinham proporções cósmicas. Interessava-lhe conhecer a unidade da matéria e a continuidade dos fluxos austrais que atravessavam a pele; conjurar e reunir as forças da natureza que perpassavam o corpo e saber onde se convertiam as forças dos astros em forças naturais. O esotérico e o exotérico eram um só e mesmo processo, que se revestia de formas diferentes. Discordava dos médicos que só receitavam remédios que agiam internamente. Para ele, as fomentações exteriores sempre repercutiam nos órgãos interiores do corpo (EM, 183). A unidade da matéria, a matéria comum ao de dentro e ao de fora dos corpos era figurada num dos símbolos mais poderosos da alquimia, ainda em voga em seu tempo: dragões ou cobras que mordiam o próprio rabo a sugerir um ciclo contínuo de interação.³⁰

Convém lembrar a fluidez lúdica que caracterizava o convívio do imaginário, dos símbolos e das palavras nessa época de transição. Entre a busca da observação e a interpretação das singularidades, havia vários eixos de referências.³¹

Além da alma, que pertencia à esfera divina, havia um corpo e seu espírito. Esse espírito era visto por Luís Gomes muito à maneira de pensar dos discípulos de Paracelso, ou iatomédicos, que o concebiam como uma extensão da esfera de influências da natureza, dos astros. Referia-se à influência dos astros e particularmente da lua nas crises de males como a asma. O dentro e o fora do corpo não coincidiam com o que pensamos hoje, pois do centro da terra aos mais remotos astros passavam as forças ocultas que determinavam as vicissitudes corporais. As doenças não viriam apenas do desequilíbrio de humores, mas de conjunções específicas de forças cósmicas.

Adepto de uma corrente como a iatromedicina, ele haveria de se preocupar com a censura e com os riscos de ser denunciado à Inquisição. É o que notamos na obra de Luís Gomes Ferreira, que se protege inserindo frases destinadas a pacientar as autoridades da Igreja, evitando referências explícitas às influências astrológicas nas Minas. Ele escreve como quem evita as entrelinhas, com medo e prudência. A palavra arcano, que na obra de Paracelso era a entidade que explicava as doenças, nunca é reproduzida por Luís Gomes; entretanto, ele acreditava nas forças ocultas, na necessidade de o médico explorar a química, de desvendar os recursos e as forças da natureza dentro do quadro maior das

forças cósmicas. O médico deveria ter conhecimentos amplos acerca das influências astrológicas e das virtudes dos elementos naturais. Entre químico e botânico, deveria exercer um ofício de discernimento quase divinatório.

O arcano era uma entidade que congregava as singularidades das conjunções de dados que se refletiam no corpo adoentado. O equilíbrio do arcano poderia ser transformado pelo saber químico e astrológico das forças ocultas. Cores e virtudes de ervas e minerais eram qualidades em contínuo movimento, que poderiam ser alternadas pelo conhecimento médico apropriado, que não coincidia com o conhecimento acadêmico nem com os humores galênicos. Estes tinham os seus tempos e as suas possibilidades de maturação dependentes das forças cósmicas que o médico teria poderes de captar; ele também poderia contribuir para acelerar ou transmutar seus processos naturais.³² É o que transparece dos cuidados recomendados por Luis Gomes Ferreira aos que fossem colher as ervas medicinais. Havia momentos do dia específicos para suas diferentes virtudes. Algumas ervas deveriam ser colhidas ao nascer do Sol, outras ao meio-dia, outras no crepúsculo e outras, ainda, à noite.

A cocção também obedecia a regras precisas. O fogo deveria ser mantido brando, ou sobre brasas vivas, porém morno e baixo. Havia preceitos a seguir para os diferentes processamentos que seguiam as regras da alquimia. Algumas ervas deveriam ser apenas cozidas, outras coadas, maceradas, maturadas, finalmente calcinadas e transformadas em pó. Os procedimentos variavam conforme o sumo ou o poder medicinal a que se visava. As cores eram indicativos estratégicos das qualidades curativas. Um remédio para impigens, por exemplo, feito de flores de enxofre com soro de leite, teria um tom azulado mais claro na primeira aplicação e um azul profundo na segunda (*EM*, 114). As tonalidades eram um meio de controle. Havia poções de cravos roxos ou de tons de madrepérola (*EM*, 294-295). A cor vermelha tinha um sentido especial para os alquimistas: era a cor do fogo ou significava uma operação bem-sucedida. Figurava entre as cores das poções que Luis Gomes divulgava como segredos seus.

Esses preceitos eram igualmente válidos para o preparo de alguns óleos de metais, como ouro, chumbo, pólvora, enxofre, mercúrio. O espírito de vitríolo, usado em receitas para curar chagas, assim como o mercúrio ou antinômio, eram produtos também usados para solidificar o ouro em pó. Obviamente, Luis Gomes Ferreira nada desvenda sobre os seus conhecimentos de alquimia do ouro, mas fica atento à localização das minas com relação ao Sol, aos planetas, ao próprio ar, que, entrando numa mina por ocasião de desmoronamentos, poderia corromper a qualidade do ouro a ser extraído.³³

Os recém-chegados às Minas eram camponeses do Minho, que perdiam seus costumes, suas tradições, desconheciam as novas plantas, custavam a se fixar, a ter moradia certa, vizinhos, família... *“Hoje eram mineiros e lavravam nesta paragem, amanhã em*

*outra e no outro dia iam para a roça, e no outro dia para o povoado; hoje tinham um negro, amanhã compravam vinte, no outro dia vendiam dez e no outro lhes adoeciam três, e no outro dia lhes fugiam quatro.*³⁴ O trabalho da mineração contribuía para a insegurança do dia-a-dia. “E muitas vezes não dá com ouro quem mais cava senão quem tem mais fortuna...”

A saúde tinha muito a ver com os costumes e as rotinas ancestrais de povos que há muito tinham deixado de ser nômades. O cirurgião, em seu tratado, procurou superar as diferenças da vida no novo mundo. Diferenças de clima e da influência dos astros num hemisfério outro contribuía para os sofrimentos e as doenças que afligiam os corpos de mineradores. Os costumes de minerar e o nomadismo agravavam a vulnerabilidade de seus corpos às doenças das Minas. Era preciso aprofundar os conhecimentos sobre as novas plantas e procurar remédios adequados às novas conjunções de elementos da natureza que interferiam na saúde dos recém-chegados à região.

Faiscar era ofício desgastante. Luís Ferreira Gomes referia-se com freqüência aos males sofridos pelos homens pobres que exerciam a função de escravos. Uma minoria de homens livres pobres se arriscava por conta própria, dividindo o tempo entre o trabalho dentro dos rios e a labuta em suas pequenas roças, essenciais para lhes garantir a sobrevivência. Já os escravos não tinham opção; ficavam o dia todo dentro da água. Rios muito frios provocavam doenças em escravos comprados por quantias onerosas; à exceção dos faiscaidores mais pobres, cada minerador dependia do jornal ou trabalho diário de seus negros, de modo que qualquer doença representava significativo prejuízo.

Maria Cristina Cortez Wissenbach, em seu estudo sobre Luís Gomes Ferreira, documentou as afinidades das práticas do autor do tratado com as de outros cirurgiões de sua época, instalados em Pernambuco, Bahia e nas próprias Minas. De extração social mais humilde e perseguidos pela Inquisição, vinham para as colônias fazer fortuna nas minas de ouro. Frequentemente, somavam às suas atividades de cura outras de mascate, de senhor de engenho e, mais usualmente, a de médicos de escravos. Como tal, às vezes participavam de sociedades de carregamento de escravos do litoral para as minas.³⁵

No *Erário mineral*, Luís Gomes Ferreira documentou a freqüente perda de escravos nos serviços de mineração. A mortalidade era elevada por causa dos riscos a que ficavam expostos. Os escravos ficavam muitas horas com os pés e os joelhos dentro da água dos ribeiros.

Os pretos, porque huns habitão dentro da água, como sãos os mineyros que minerão nas partes baixas da terra e veyos della; outros feytos toupeyras mineirando por baixo da terra; huns em altura de fundo cincoenta ou oitenta e mais de cem palmos; outros pelo comprimento em estradas subterrâneas, muytos mais que muytas vezes chegão a seiscentos e a setecentos;

la trabalham, la comem e la dormem muytas vezes e, como estes quando trabalham, andam banhados em suor; com os pés sempre em terra fria, pedras ou água e quando descansão ou comem, se lhes constipam os poros, e se resfrião, de tal modo que dahi se lhes originão varias doenças perigosas, como são pleurizes apertadíssimos, estupores, parlesias, convulsões, peripneumonias e outra muytas doenças; para as quaes os melhores remédios e quê se lhes devem applicar são sudorificos, diaforeticos e vulnerarios para lhes abrirem os poros e se promova a circulação do sangue; os brancos alguns descalços por orvalhos, suados, molhados e resfriados do mesmo modo. (EM, 2)

Tanto o Ribeirão do Carmo como o Rio Sabará eram extremamente frios. Segundo uma fonte da época, “tão forte e insuportável era o frio das águas do ribeirão que era preciso entrar nele pela dez horas da manhã e sair dele pelas três da tarde”.³⁶ Muitos senhores não tomavam em tempo os devidos cuidados. Sobrevinham os sintomas inquietantes, como pontadas, crises reumáticas, febres com catarros. Muitos escravos, embora fortes e robustos, acabavam morrendo³⁷ (EM, 13-14).

Uma doença terrível que atacava as solas dos pés dos escravos eram chagas com vermes, às quais chamavam de formigueiros.

Lhes faz nas solas dos pés grandes buracos, e broqueamentos fundos, corroendo para o interno e para humna e outra banda, que andando elles sempre a cortar naquellas sollas grossas, sempre crescem os buracos, sempre fundos, de modo que não podem pizar no chão e por causa andam na maior parte nas pontas dos pés. (EM, 358-9, 402)

O remédio mais eficiente era cauterizar com fogo ou defumar a moda dos índios, fazendo um buraco na terra junto ao fogão. Luis Gomes recriminava os senhores pelos sofrimentos e pelas mortes de escravos causados por falta de atenção no começo das feridas.

Estes bichos quando entrão he na mayor parte nas chagas ou feridas, que andão expostas ao ar; sem andarem cobertas; e mais commum he nos pretos quando se açoitam nas nádegas, ficando as carnes escaladas e se desprezam, não olhando mais para as taes feridas, ante alguns senhores os metem em ferros; e os fazem trabalhar não podendo dar um passo; que estes se têm perdido muytos, huns por causa dos bichos lhes comerem a carne e corromperem-se-lhe os ossos, de que lhe dão accidentes mortaes; outros por causa de se gangrenarem, apodrecerem e perderem aquellas partes, como de ambos os modos tenho visto muytos; huns que remediey, outros que não pude remediar; porque lhes dão herpes e morrem miseravelmente que he lastima grande. (EM, 393)

Ainda mais graves eram os tumores e as feridas causadas por moscas, que depositavam seus ovos ou larvas no corrimento do nariz de escravos que dormiam ao relento. As moscas varejeiras entravam pelas vias respiratórias e cavavam buracos no céu da boca.

Seu diagnóstico era difícil, principalmente no caso dos negros mais robustos. Era difícil entender o que diziam. “*Esta casta de gente sempre he agreste e ainda que alguns sejam bem ladinos e práticos, sempre em algumas cousas tem parte de brutos. Teve febre com intercadencia nos pulsos; teve a cara e os olhos muyto inchados e teve alguns delírios*” (EM, 398-9).

Luis Gomes também socorria escravos vítimas de contusões e fraturas graves, causadas por acidentes de trabalho por ocasião de desabamentos de paredes ou diques construídos nas minas para desviar as águas do rio. Em 1714, em Sabará, “*trazendo os meus escravos cortando a ponta de hum morro ou espigão de serra, para meter por aquella brecha hum rio caudaloso e delle extrahir ouro, sucedeu um desabamento*” (EM, 255). Os escravos ficaram presos dois metros abaixo da terra, soterrados entre pedras. Felizmente, havia orifícios através dos quais alguns puderam respirar:

(...) e os que ficarão na lavra, que forão treze, ficarão debaixo das ruynas, donde se tirarão quatro mortos e os mais huns com os braços quebrados, outros com as pernas, outros as costellas metidas com as pontas para dentro, outros com os ossos das fúrculas do pescoço feytos em mil pedaços; hum com as vértebras do espinhaço deslocadas em duas partes, outro lançando sangue pela boca, narizes, ouvidos e algumas pingas por hum olho, e ambos tão vermelhos como o mesmo sangue (...). (EM, 256) Curou-se com bebida e fomentações de raiz de butua. Era uma das melhores raizes que tem o mundo e cozida na agua era uma das bebidas vulnerarias a de que sempre fiz grande estimação. Era remédio ideal para curar os apostemas internos e cozida com raiz de capeba desfaz as feridas, fazendo-as rebentar e sahir a matéria pela boca ou por curso. (EM, 460-1)

Cozão-se duas raízes de capeba, não sendo grandes, hua pouca de raiz de butua, huma onça de cardo santo em quatro frascos de água, que fique em dous (...) e se lhe lançará de cinco ate dez grãos de antimônio diaforético marcial e mexido se dará morno ao doente em jejum. (EM, 384)

Em seu livro, sucedem-se cenas de violência e predominam imagens de corpos com membros esmagados, decepados, perfurados por feridas profundas. Em 1711, ao sair da missa, o meirinho do ouvidor de Sabará foi atacado por um mulato, que lhe assentou uma espada larga na nuca, cortando-lhe veias jugulares, artérias, nervos, músculos e tendões. Luis Gomes narrou ao longo do seu tratado casos graves que socorreu, feridas profundas causadas por facadas, em sua maior parte em homens livres. Muitos dos casos que ele atendia provinham de emboscadas, de brigas ou estocadas traiçoeiras. Curava-os com um remédio de óleo de ouro, feito de sal com água forte, mais compressas com aguardente do Reino. Esse remédio ele recomendava muito para feridas, gangrenas e tumores, alternando-o às vezes com vitriolo e enxofre (EM, 265).

Nesta ocasião referida, ele teve oportunidade de socorrer o meirinho imediatamente, pedindo a quatro dos homens presentes que segurassem com os dedos a veia jugular. A ferida foi profunda, chegando até a boca, caindo uma posta de carne, com o queixo, sobre os ombros, de modo que, para estancar o sangue, ele teve de pressionar todos os seus dedos dentro da ferida. Coincidiu de o episódio ser assistido por muito povo, que estava na porta da igreja, o que lhe deu a oportunidade de fazer fama na região (EM, 303). Ao perceber, na hora, que o caso poderia ter solução, negociou, matreiro, com os irmãos do meirinho, um preço equivalente à estimativa que estes faziam do valor da cura. Partia do princípio de que o pagamento das curas deveria ser proporcional aos recursos do doente. Era uma obrigação curar de graça os carentes, e nada limitava o preço das curas aos bem-dotados de fortuna.

A vida nas Minas era turbulenta e insegura. Os corpos dos moradores aparecem em seu livro como maltratados, sofridos, escalavrados, corroídos por vermes e parasitas. Corpos de escravos, mas também de homens livres, eram atacados por gangrena, parasitas, moscas varejeiras, caimento das tripas, tumores enormes e malcheirosos, causados por males gálicos, testículos inchados, a ponto de serem amarrados por panos ao pescoço (EM, 415-6).

O meio era rude, os homens também. Um arquétipo do seu tratado é a descrição freqüente sobre a dinâmica que ia da degeneração à cura. Luis Gomes interpretava o processo de degeneração e de putrefação como um movimento cósmico que, nas Minas, oferecia desafios novos. Em 1730, em Mariana, tratou de bichos que fizeram um buraco no céu da boca de um seu escravo. Arriscou-se ao optar por um remédio muito forte, recorrendo a uma mistura de pingos de espírito de vitríolo com fumo verde e curado, tabaco desfeito e sarro de cachimbo. O remédio corria o risco de afetar-lhe o cérebro. “*Fui seringando com o dito remédio e por huns e outros (buracos) foram sahindo, cortando com a ponta da tisoura os fiapos, ou tiagens do buraco, applicando a miúdo o remédio; huns cahindo do nariz na cama, outros cahindo na boca...*” (EM, 398).

Em seu tratado, Luis Gomes Ferreira registrou momentos da rotina de um mundo em que as normas da corte ainda não tinham chegado. Em certa passagem, um homem desceu do navio em Salvador e, muito espontaneamente, (...) “se poz a urinar no meio da rua”.

Ter relações carnaís com a lavadeira ou ajuntamento com mulher ou escrava de serviço eram fatos banaes que não exigiam recato. Um dedo inflamado para sarar deveria todos os dias ficar dentro da vagina pelo tempo de um credo; o membro viril que estivesse inchado deveria ser mergulhado num copo de leite morno para urinar dentro. (EM, 141)

Nos sertões, andavam com os corpos sujos e tomados de parasitas. Os escravos, ao coçar as pulgas das partes baixas, traziam os vermes para a boca ou o nariz. Numa dessas

ocasiões em que um escravo se descuidou e levou a mão suja ao rosto, “*se lhe comunicou o terrível venenoso e asqueroso cheyro ao cérebro e de repente cahiu em accidente mortal*” (EM, 396).

O *Erário mineral* foi escrito como uma miscelânea de cultura popular, em que se alternam casos de medicina com conselhos de utilidade corriqueira. Traz reminiscências do grotesco de Rabelais e características da sensibilidade barroca da época em que se comprazia com as metamorfoses dos opostos. A carne rosada se opunha à podre, a gala de um rosto bonito, num instante se perdia coberto de bexigas; cheiros fétidos, humores viscosos, secreções contaminadas, nuanças de cor dos escarros, enfim, tudo o que a natureza exhibia como princípio de corrupção e de vida.

Em seu livro *Oficina dos sentidos*, Piero Camporesi estudou superstições relativas à fermentação do leite e aos males que causavam à saúde dos camponeses do norte da Itália.³⁸ Já se fora o mundo de Menocchio, mas o tema da fermentação continuava vivo na medicina popular.

Nas Minas, Luis Gomes Ferreira também descreveu os perigos da fermentação do leite, cuja malignidade cavava buracos tanto na parede das panelas de barro como das de vidro (EM, 443). Salvou vários doentes dos males causados pelo leite e só recomendava ingerir coalhada ao jantar. A putrefação ou corrupção da natureza foi tratada por Luis Gomes sob as mais variadas maneiras. Sabia que se tratava de processo diferente da fermentação e que resultava em doenças variadas, mas gabava-se de casos prodigiosos para os quais encontrou cura.

Uma certa sensibilidade – que Camporesi batizou de barroca – pelo grotesco e pelo monstruoso faz que Luis Gomes Ferreira não poupe seus leitores dos pormenores mais horrendos de hérnias testiculares, feridas das partes genitais, gangrena e perda de membros apodrecidos por gangrena ou mal gálico. Revelava certo fascínio por esses gêneros de processos naturais, exacerbado pelo pavor da morte que a todos rondava, pelo convívio com um meio carente de recursos e abundante em águas contaminadas; registrava dados sobre o clima de muito calor, a natureza desconhecida, as péssimas condições de vida, documentando a vulnerabilidade do corpo aos males do clima tropical.

O tema da corrupção e da cura mais refletia uma visão sobre o corpo dentro do macrocosmo do que propriamente as inquietações religiosas de alguns autores barrocos como Antonio Vieira, para quem a doença era uma vicissitude da providência divina e da condição humana de pecadores.

Datavam de 1680 as descobertas mais recentes da medicina sobre a importância dos mecanismos minicorporares, das fibras, do sangue ou da neuropatologia, que passaram a

desempenhar papel importante nas curas, a partir das últimas décadas do século XVIII. Na verdade, Luis Gomes Ferreira pouco sabia dos processos de contágio, ainda mal estudados em sua época.

Muito se escreveu, na segunda metade do século XVII, sobre as diferenças entre os processos de putrefação e de fermentação, importantes para o estudo dos parasitas tropicais.³⁹ Van Helmont, discípulo de Paracelso, interpretava as doenças como processos químicos que alteravam a fermentação, multiplicando humores ácidos ou alcalinos.⁴⁰ Foi preso pela Inquisição na Espanha, mas sua obra repercutiu bastante em Portugal, onde a iatrofísica era uma opção relevante, se não para médicos ortodoxos, certamente para cirurgiões inconformistas, como era o caso de Luis Gomes Ferreira.

As noções ecléticas do cirurgião português oscilavam entre a iatrofísica e a teoria dos humores. Inventava por conta própria receitas diversificadas para chagas virulentas, corrosivas, sórdidas (*EM*, 402), para tumores causados por humor gálico (381-2) ou por humores fleumáticos ou melancólicos, aos quais ele também atribuía causas motivadas por sofrimentos ou “*paixões da alma*” (*EM*, 381-382). Os tumores ainda eram mal conhecidos em sua época e tidos como incuráveis ou dificilmente passíveis de cirurgia; cistos, cirros e cancro, entretanto, requeriam tratamentos diferenciados. Luis Gomes chamava a atenção para a importância de se detectar, ainda no início, tumores no seio das mulheres, os quais depois se ramificavam, criando raízes que cresciam como braços ao longo do tronco, de modo que ficavam incuráveis (*EM*, 274-277).

Em 1728, sete anos antes da publicação do *Erário mineral*, foi publicado o livro *Peregrino da América*, que divulgava alvitre da sabedoria popular e conselhos para a vida de todo dia. A palavra peregrino, desde o século XVI, sugeria a busca de conhecimentos novos, mas agregava um sentido mais antigo de peregrino eremita ou de sábio, que se isolava dos vícios mundanos para dedicar-se ao bem da humanidade. Para Nunes Marques Pereira, “o peregrino vai por onde há de achar cada dia novos costumes e os deve seguir e aprovar e não repreendê-los. Há de aprender deles em vez de ensinar os costumes de sua pátria que deixou para traz”.⁴¹ De sua parte, Luis Gomes Ferreira interessou-se pela arte de explorar a virtude medicinal das plantas nativas.

Ele tinha o seu modo de conciliar o útil ao discurso caritativo. Além de fazer fortuna nas lavras e nas curas, assumia a missão de inventar remédios diferentes dos conhecidos no Reino a fim de socorrer gente doente, subnutrida e maltratada. A expressão “segredos” evocava a prática da alquimia, da cabala, bem como o conhecimento das forças ocultas da natureza. Era com certeza ambivalente ao se dispor Luis Gomes a publicar seus *segredos*. Dar a público suas invenções era um modo de ser útil aos moradores das Minas, sofridos, doentes incuráveis, gente como a que viu, num surto de mal-do-bicho no sertão do Rio São Francisco, morrer desamparada diante de seus olhos:

(...) os que vi morrer, sem os poder remediar, foy por lhes ter passado de largueza a podridão, ou gangrena; huns morrendo fallando, outros sem fallarem palavras, mais que gemendo e outros que por mais robustos, querendo resistir de pé, cahião no chão e nesse dia e no outro davão a alma a seu Creator; os que estavam sem falla cuydavam os sãos que estavam dormindo e os achavão na outra vida. (EM, 427)

Eram inúmeros os males que tomavam proporções catastróficas no clima do Brasil, sobretudo as febres, as maleitas ou sezões, o mal-do-bicho, o escorbuto, as bexigas, a sífilis ou mal-gálico, os venenos de cobras, contra os quais os antídotos agiam apenas eventualmente. Eram males para os quais havia poucos recursos, pois provinham de humores malignos, de corrupções do ar e as condições de vida na colônia colaboravam para a mortalidade das gentes. Não fazia uma idéia clara do contágio vivo, pessoa a pessoa, nem distinguia, sob este ponto de vista, o escorbuto, que ele tinha como mal contagioso, de males como o da bexiga ou da sífilis, que comprovadamente o eram. A descoberta da causa do mal venéreo, conhecido como humor gálico, em 1687, com a identificação dos ácaros como minicorpúsculos que davam origem à terrível doença, não chegou ao seu conhecimento. Para ele, os males provinham do ar, do clima, da natureza. Mesmo as doenças venéreas poderiam eventualmente ser também causadas por hérnias, ou tratar-se de predisposições de saúde.

O grande progresso no estudo de bactérias, protozoários e *animalcula* estava ocorrendo desde a invenção do microscópio, em meados do século XVII, mas se intensificou justamente entre 1690 e a data da publicação de seu livro, em 1735. Esse instrumento teria grande importância no estudo da tuberculose, mas foi divulgado na Europa tardiamente, sem chegar ao seu conhecimento, pois Luis Gomes vivia nesta época montado a cavalo, perambulando pelos arraiais com suas boticas nativas.⁴²

Muitas dessas doenças temíveis vinham sob a forma de epidemias, que avassalaram os países europeus nos séculos XVII e XVIII. Mas, com exceção da peste, que seria resolvida por uma espécie de mutação genética nos ratos que transmitiam a doença, muitas curas somente foram descobertas a partir de fins do século XVIII; outras, já no início do século XIX.⁴³ Lisboa foi cenário de várias epidemias de peste ou de febres malignas. Em 1723, muitos morreram de febre amarela.⁴⁴

No sertão de São Francisco e nos arraiais do ouro, Luis Gomes conviveu com sezões, febres malignas, maleitas e o paludismo assolava os países europeus em seu tempo. Estava na ordem do dia a descoberta de bactérias nas águas, no sangue, nas infusões, nas fezes, no tártaro dentário, nos espermatozóides.

No sertão do Rio São Francisco,

(...) caminho muyto continuado das praças do Brasil para estas Minas (...) presenciei, curei e vi curar, e morrer a multidão de pessoas, por ser aquelle clima calidissimo e as águas sempre quentes, encharcadas e corruptas, que para se beber dellas, se mandam tomar muyto de madrugadas e algumas vezes os viandantes lhe põem lenços para beber em cima delles; das quaes [águas] bebem também e se esponjam quantos bichos immundos e venenosos há (...). As sezões, ou maleitas que muyto opprimem os habitadores e viandantes daquelle sertão, também tem mettido na sepultura a muytas mil pessoas, pella razão já referida, principalmente na seca, quando a força do sol he mais intensa. (EM, 426)

Luis Gomes Ferreira descreveu os procedimentos para recolher as tripas com uma mistura de pólvora, cabeças ou alhos de algodão, pedras de sal, ervas, pós de verdete, pedaços de limão:

Mandey que se tirassem o panno, e assim que se tirou sahio tudo para fora, tão cheyo de languinhos, de humor viscoso, que tudo veyo coberto delle e vendo que a falta de sentimento não era por culpa da massa, mas sim por causa do muyto humor que estava pegado as paredes do intestino, ou intestinos, lhe mandey fazer huma ajuda forte das que ficão ditas para lavar e alimpar e ordenando que ao lançar a ajuda, levantassem o doente com as pernas e a trazeyra mais, do que o mais corpo para reter a ajuda dentro. (EM, 424, 432)

O cirurgião tinha, graças à sua experiência com a terra, reunido receitas *secretas* para febres, que na sua opinião funcionavam melhor do que o quinino, cujo uso reprovava por ser muito amargo e causar males secundários. Uma de suas receitas para febres malignas consistia em ferver arruda com vinho e tártaro emético.

O escorbuto era outro espetáculo de horrores a que assistia entre os escravos que chegavam doentes nas Minas. A doença era grave e tida como contagiosa em seu tempo. Causou a morte de milhares de escravos e manifestou-se em várias ocasiões como epidemia, em Lisboa e em outros portos do Mediterrâneo, no início do século XVIII. Os sintomas se manifestavam primeiramente como:

(...) desinterias, diarrehas, hidropsias, pleurizes legítimos e novos, tosses, corrimentos, encolhimentos de nervos, coagulaçoens em varias partes do corpo, apostemas de matéria quente e fria, opilaçoens de humores crassos e viscosos, héticos, dores nas cadeyras e em todas as juntas, icterícias, morfeas. Os doentes soffriam de febres continuas e héticas, reumatismos com febre aguda, pleurizes, estupores espúrios. (EM)

Luis Gomes publicou em seu livro uma receita, em parceria com outro médico das Minas, chamado João Cardoso de Miranda, que foi oferecida, no *Erário mineral*, para o

físico-mor da corte em Lisboa. Tratava-se de fazer uma mistura de raiz de chicória, grama, fragaria, mastruços, como eram conhecidos na Bahia, ou erva de Santa Maria, como era chamada nas Minas, que se juntava a diártaro, antimônio diaforético marcial, sal catártico, ruibarbo e espírito de coclearia (EM, 482-483). Era preciso seguir uma dieta muito rica em alimentos frescos, verduras, frangos, borragens, almeirão, alfaces. Desaconselhava-se terminantemente o costume dos médicos de começarem fazendo sangrias, o que logo apres-sava a morte dos doentes. As gengivas apodreciam com cheiros fétidos, sendo preciso cortá-las e cauterizá-las com fogo; os dentes caíam, e era imprescindível ter receitas para bochechos com unguento egípcio, espírito de vitríolo, vinagre esquilítico, cozimento de tanchagem misturada com cevada, paragana, balustia, pedra ume, pós de incenso e de mirra (EM, 486).

A vulnerabilidade da condição humana aproximava os homens da natureza, pois os elementos naturais eram seus principais socorros. Um mal agravava outro. Muito frequentemente, enfraquecidos por desenterias ou por falta de alimentação apropriada, ao piorarem, todos os males pareciam se articular e combinar uns com os outros. Luis Gomes chamava a atenção dos médicos para a variedade de sintomas que se conjugavam na hora extrema. Males diferentes, como estar com lombrigas, com largueza (mal-do-bicho em estado avançado), somavam-se a outros, como ter resfriamentos, catarros, inchaços por motivo de enchimentos frios. Os cursos (diarréias), por enfraquecerem o doente, agravavam o estado das vítimas de males venéreos:

Havendo alguns sinais de resfriamento, porque não he preciso, que haja todos os que ficão apontados, se verá com muyta atenção se o doente está com corrupção do bicho, metido em hum banho com muyta cautela; ou se está esfalfado, pela informação do doente ou se tem sinais de muytas lombrigas. (EM, 437)

Os esfalfados eram homens esgotados, prostrados e desidratados por excesso de esforço físico causado pelo trabalho duro nas lavras ou por excesso de “desmanchos” (relações sexuais) (EM, 184, 442).

Nesses momentos de perigo, era preciso muito tino do médico. Qualquer sangria ou purga poderia ser fatal. As receitas de últimos socorros exigiam ervas de poder nutritivo elevado. Para os agonizantes, havia uma série de receitas de socorro de última hora, quase todas inspiradas nas forças ocultas da natureza. Luis Gomes partilhava da visão de mundo de seu tempo, que pensava o cosmos como uma grande cadeia de seres, unindo ao universo das estrelas os segredos das pedras, das plantas, das árvores, de porcos, carneiros, bois. Para os agonizantes, a natureza poderia eventualmente propiciar uma súbita reação favorável. Recorria-se às vezes ao sacrifício de carneiros ou de bois, para que os agonizantes

puдessem aproveitar o calor da sua gordura. Escravos houve que, para salvá-los, os proprietários tiveram que mandar matar um boi, colocando o agonizante no meio da sua carcaça aberta. No arraial chamado “do Antunes”, Antonio Dias foi solicitado para socorrer um homem já tão esmirrado por disenteria que os médicos o tinham desenganado:

Mandei que assym que se matasse algum boy, ou vaca no curral, pois o tinha vizinho, se tirasse com toda a presteza e sem demora, aquelle redenho ou gordura, que cobre as tripas; se embrulhasse em huma toalha e viesse o portador correndo para que com o calor natural do animal o puzesse em sima do estomago e ventre e com a mesma toalha o cobrisse, e outra roupa, deyxando se estar de costas o mais tempo que podesse, e matando-se na mesma ocasião mais algum boy ou vaca, fizesse a mesma diligencia, com outro redenho e para os mais dias, em que se não matasse gado, metesse o tal redenho no cosimento seguinte para se aqueutar e quente o puzesse em sima do estomago e ventre, todos os dias, duas, tres ou quatro vezes. Alfavaca, mestrastos e poejos, de cada hum huma boa mão cheya, tudo cosido em quattros frascos de água, ate ficar em ametade e nesse cozimento bem quente metesse o redenho e o deyxasse estar por algum tempo (...). (EM, 175)

A outros doentes em estado grave, ele recomendava que fosse sacrificado um carneiro para os aquecerem em sua gordura ainda quente. “As fatias de carne de vaca, assada, borrifadas com vinho e pulverizadas com pós de aromático rosado e canella e postas sobre o estomago”, também tinham o poder de confortar o doente (EM, 173).

Aos agonizantes, Luis Gomes aconselhava todo tipo de fomentação e esfregação do corpo, desfilando um rosário de receitas para esse tipo de compressa. O sumo de certas plantas ou o espírito do vinho ou da aguardente do Reino também teriam eventualmente o poder de chamá-los de volta à vida. “Dar ao doente que já não tem esperança de remédio, dez ou doze dias em jejum successivamente huma oytava de pós de raiz de butua, misturado com meyo quartilha de água de tanchagem, ou cozida com alquitira, he remedio que tem livrado a muytos da sepultura estando ungidos.” Eram também surpreendentes os efeitos das fomentações no ventre com “folhas de couve verde pizadas muyto bem, com huma mão cheya de sal e duas onças de sabão e pondo esta massa nas solas dos pés estancão certamente as câmeras de sangue ou de outro humor” (EM, 173).

Outra poção para moribundos consistia em óleos de almécega ou de copaúba, bem quentes, “(...) que são remédios milagrosos e se em sima de qualquer das ditas fomentações se lançarem huns pós de sandalos vermelhos, ou de murta, ou de canella, será muyto mais conveniente, que muytos tem sarado so com estas fomentações.”

Também convinha applicar sobre o estômago e ventre um emplastro de poejos cosidos em vinagre forte. (EM, 173)

Causa espanto, nos momentos de necessidade, a disponibilidade de mãos e de tempo que havia para a cura dos doentes. Para erisipela ulcerada, eram necessárias compressas de

meia em meia hora, o dia todo. Para contusões e inchações de reumatismo, também eram necessárias compressas três ou quatro vezes por dia. Doentes de fratura ficavam na cama, entregues aos cuidados de terceiros para tomarem banho, cuidarem do gesso, durante cerca de quarenta a sessenta dias seguidos. É sabido que poucos tinham família constituída, pois nas Minas, naquela época, havia predomínio de homens solteiros. Causa admiração, num meio violento e saturado de conflitos entre os mineradores, a solidariedade que aflorava quando se tornava urgente socorrer doentes.

Luis Gomes Ferreira continuamente faz referência aos cuidados prestados pelos que o assistiam e que depois permaneciam junto à cama do doente. Muitos deles precisavam tomar meio banho de água quente sete ou oito vezes por dia, a qual tinha de ser continuamente *acrescida* [palavra usada por Luis Gomes] para não esfriar. Uns atiçavam o fogo, outros preparavam as tiras de pano, outros faziam cozimentos das ervas recitadas, medindo a quantidade dos remédios, tomando o cuidado de não deixar esfriar os panos das compressas, substituindo-os no tempo certo e, sobretudo, alimentando o doente dias a fio. “*Bebendo o doente quatro onças desta água em jejum e outra tantas de tarde antes do sol posto e o mesmo duas ou três horas depois da cea*” (EM, 122). O cirurgião prescrevia e dava ordens, pondo em movimentação uma quantidade de gente. Recorriam raramente aos serviços de escravo; em geral, eram as pessoas da casa onde morava o doente, não necessariamente parentes ou familiares, ou vizinhos de lavras ou roçados que assistiam o doente. Dias seguidos, os rituais de preparo dos cozimentos eram medidos pelo tempo de um credo ou de uma ave-maria. Cuidar da saúde exigia muitas horas de dedicação, muito trabalho; freqüentemente, o tratamento demorava de dois a quatro meses, exigindo cuidados e fomentações diárias. Havia feridas que levavam mais de vinte dias para cicatrizar.

Em geral, não faltava calor humano na hora da necessidade. A doença tornava visíveis os rituais de sociabilidade, tão de admirar nos ermos dos sertões das Minas, em comparação com as aldeias de camponeses, onde as habitações já ficavam próximas umas das outras. Às vezes, um proprietário cedia um rancho para enfermaria dos doentes.

Os remédios eram tomados da natureza, dos animais ou dos próprios corpos dos vizinhos, pois muitas vezes era preciso urina fresca de um menino sadio, ou as mãos de uma menina virgem, para curar de um ataque de gota coral (EM, 208); em outras ocasiões, era preciso se socorrer do suor de um agonizante de morte natural e não violenta; levar um pedaço de pão e colocá-lo debaixo do braço do velhinho que morria de morte natural e sem febre; outras, o socorro vinha da própria mortalha ou lençol suado. Em outras circunstâncias, a receita exigia um pano com a primeira menstruação de uma rapariga; outras, o sebo ou óleo do rim de um homem esquartejado, que, comprado ao carrasco, era vendido nas boticas (EM, 148 e 129). Muito freqüentemente, era preciso pedir a uma mulher que ama-

mentava uma gota do seu leite de peito para completar as receitas de compressas contra inchações (EM, 102). Os doentes dos olhos dependiam de quem pudesse colher gotas de sangue de debaixo das asas de pombas (EM, 116). Algumas receitas de colfrio que nos parecem inusitadas eram especialmente trabalhosas, pois exigiam que se cozesse pó da lombriga de um homem junto com as primeiras fezes de um recém-nascido (EM, 117). Para curar uma queimadura grave era preciso misturar, à manteiga fresca, as águas que tivessem lavado as partes baixas de uma mulher (EM, 141).

A medicina dos excrementos ocupava um espaço importante no receituário de Luis Gomes Ferreira. Mordidos por cascavel ou jararaca, havia casos em que os homens se salvavam comendo do próprio esterco durante dias seguidos, misturado com um pouco da água do rio, para a beira do qual se arrastavam. Nó nas tripas também exigia comer esterco ou fezes do próprio doente. Muito curativa era a água tirada das fezes por meio de um alambique. Urina de menino ou do próprio doente era remédio essencial para curar crises agudas de reumatismo (EM, 185).

O corpo era partilhado por todos e com todos, não apenas nos rituais da vida de todo o dia, em que não se exigia distância, resguardo e pudor para com as necessidades corporais, mas também por ocasião do socorro aos doentes. Havia uma comunidade de corpos com suores, humores, excrementos. Era o que identificava uma cultura ainda impregnada de tradições camponesas, agora transplantadas para outra terra.

O convívio do corpo com outros corpos, certo uso da comunidade de partes do corpo dos vizinhos, era característica desta cultura popular da colonização. Da mesma forma, era de bom alvitre trazer sempre consigo, sobre a pele, pedras à guisa de amuleto, como a do benzoártico ou as pedras de mombaça, que eram milagrosas para mulheres com acidentes uterinos. Luis Gomes exaltava o poder curativo de certos pós retirados de corpos calcinados de animais, como rãs, gatos, ratos, carneiros, lagartos, jacarés.

Tomarão hum lagarto negro, dos que andam nos rios, ou lagoas, que a meu parecer são aquelles que cá no Brasil chamamos jacarés; tiradas as suas entranhas, se seque o tal lagarto no forno. de tal modo que se faça em pó, no qual pó se porá o dedo index primeiro molhado, e depois se porá o tal dedo com os ditos pós em cima do dente (...). (EM, 102)

Para inchação dos testículos era preciso obter óleo de canela misturado com sebo de carneiro (EM, 178). A pele fresca do carneiro agonizante era o melhor remédio contra as chagas dos escravos, causadas por excesso de açoitões (EM, 162).

Nesse seu tratado, Luis Gomes Ferreira resgatou a memória de camponeses rústicos que emigraram para as Minas. Para as bexigas, aconselhavam socorrer-se de bonicos de cavalo com cozimento de lagartixas (EM, 130). Reunia, de ouvir dizer, conhecimentos

diversos, que teriam sua hora de serem aproveitados: *“hum osso de defunto atado ao pescoço de quem tiver maleytas, terçans ou quartans, pela mayor parte as tira; as sardinhas bem sarradas e sarrentas, escaladas e postas nas solas dos pés de quem tiver as tais maleytas as tira”* (EM, 219).

Muito da sensibilidade camponesa e dos costumes de bruxaria do século XVII sobreviveu nos receituários de Luis Gomes. A descoberta do ouro nas Minas do Brasil coincidiu com um momento estratégico de transformação da cultura popular. O *Erário mineral* é um repositório da memória popular para as necessidades do cotidiano. Trata-se de um livro de conselhos práticos de higiene, de cura, de conhecimentos de todo dia, desde como tirar manchas de pele de crianças com auxílio de uma mão arrancada a um cadáver a como se proteger de mal-olhado. Coincidiu com o auge do poder da Inquisição e a perseguição às bruxas. Parte da cultura das mulheres do povo foi apropriada por homens como Luis Gomes Ferreira. Tinha algumas simpatias infalíveis para as parturientes cujas vidas corriam perigo (EM, 192). As tinturas de ferro – recolhidas de escórias de ferro que se achavam nas forjas dos ferreiros, cozidas e postas numa garrafa para maturar durante oito dias, ao sol das caniculares –, depois de coadas, eram excelente remédio para as purgações das mulheres, *“ou sejam brancas, ou verdes ou amarellas”*. Curavam também as diarreias, as gonorréias, por mais antigas que fossem, fluxos de sangue pelo nariz ou as *“almorreimas”* (EM, 189).

Para evitar problemas com a Inquisição, Luis Gomes disfarçava seus recursos à alquimia. Temia uma eventual denúncia que o levasse às garras dos inquisidores. Manifestava publicamente suas críticas às práticas de curandeiras, comedeiras e feiticeiras. Em particular, era contra a prática das bruxas de fazerem simpatia com o sangue menstrual das mulheres (EM, 197). O sangue menstrual fazia mal e, muitas vezes, causava inchações no membro masculino, as quais se assemelhavam a doenças venéreas. A camisa de uma mulher menstruada poderia acarretar a piora ou mesmo a morte para homens com tumores, feridas ou enfraquecidos por outras doenças, como seria o caso dos tísicos. As superstições misóginas procediam do Minho, onde eram atávicas e se reproduziram com forças renovadas no ambiente das Minas, onde havia muito poucas mulheres.⁴⁵

*Todas as plantas por onde a mulher passar, ou lhe pegar com a sua mão, se secarão de tal modo, que nunca mais tornarão a nascer. Os caens que comerem o sangue menstrual se farão danados; e (...) as creaturas humanas se por malícia, ou erro comerem sangue menstrual ficarão loucos e sem juízo como eu vi hum homem como huna torre e bem disposto que ficou sem juízo; e como era rico, derão lhe tutor e assim veyo a morrer (...).*⁴⁶

O sangue menstrual era nocivo para a saúde como eram os venenos de cobra, que deixavam as vítimas sem socorro. A época da mineração foi um momento de fortalecimento de convicções misóginas e de apropriação do conhecimento tradicional de mulheres curandeiras ou feiticeiras. A população majoritariamente masculina das Minas contribuiu para esse momento de consolidação de convicções machistas. Importavam-se como escravos mais homens do que mulheres. Chegavam como colonos, do norte do Minho, mais homens solteiros do que acompanhados por suas esposas. Esse povoamento desigual coincidiu com a expansão da sífilis e dos males venéreos na região dos arraiais da mineração, antes que na Europa se começassem a divulgar tratamentos mais eficazes. Tais males contribuíram para acirrar preconceitos contra as mulheres, frequentemente tachadas de airadas e depravadas: “*fuja de andar em jejum e de mulher, porque lhe fará gravíssimos danos*” (EM, 79).

O cirurgião das Minas, além das tradições orais dos camponeses do norte de Portugal, tinha o conhecimento da literatura escrita sobre magia, cabala; os discípulos de Paracelso, através da confraria secreta da ordem Rosa-Cruz, divulgavam pela Europa seus conhecimentos. Sabia-se que a alquimia contribuía para descobrir curas e remédios novos. O encantamento feito com palavras escritas era tradição praticada desde a divulgação da imprensa em Portugal, como documentou Francisco Bethencourt em seu livro *O imaginário da magia*, que discorre sobre práticas de feitiçaria no século XVI. Luis Gomes aderiu aos encantamentos, ensinando a alquimia das letras de ouro: “*Tomem os pães de ouro que quiserem, moão-nos em almofariz, e depois de moídos, lhe vão lançando humas gotas de mel, mexendo sempre com a mão do amofariz depois se lha lançará água de goma arabia a que bastar, e se escreverão letras de ouro*” (EM, 212).

Luis Gomes lidava com os segredos das forças ocultas e sabia como estudar os segredos da natureza. A qualidade oculta, explicava ele para os leitores, “*he aquella de que procedem obras e effeytos, que vemos e experimentamos com os sentidos, mas não os alcançamos com o entendimento*” (EM, 156). Várias das receitas que divulgava como segredos seus eram resultado da prática de descobrir as virtudes ocultas de plantas ou de metais. Seguiu os conselhos dos tratados de alquimia, que exaltavam as propriedades químicas como estados de equilíbrio entre as forças da natureza e as influências dos astros. Refere-se à influência dos astros e das fases da lua sobre as doenças, mas, provavelmente por causa da censura da Inquisição, evitava usar certas palavras (arcanos, por exemplo) que pudessem ser censuradas (EM, 133).

A receita alternativa do quinino, que Luis oferecia para os doentes de maleita, era baseada na força oculta da arruda, que o vinho exacerbava. Ele também se dedicava a decifrar as forças de atração que conciliavam os elementos entre si.

Sympathia he uma certa amizade, conformidade e inclinação, que tem umas cousas com outras, conformando-se, buscando-se, abraçando-se, e amando-se como vemos no azougue com o ouro, na pedra de cevar com o ferro, e no alambre com a palha, e outras cousas”. (EM, 156).

Divulgava segredos que tinham pertencido às bruxas e que procurava legitimar por meio da palavra escrita. Do enxofre, receitava o licor, o espírito, frutas, elixires; transcrevia modos de preparar tinturas de ferro, remédios como o antinômio e mesmo a cocção de sapos. Muitas vezes reproduzia simpatias dos receituários das bruxas no século XVI, tal como hoje conhecemos, documentadas nos processos de bruxaria movidos pela Inquisição.

O *Erário mineral* cumpriu a missão de passar, para a cultura escrita, as receitas e a memória das tradições populares orais. Seu livro incluiu conselhos para provocar aborto, apressar o parto, tirar nódos ou colar louça das Índias; transcreveu receitas de remédios dos índios carijós e da memória oral dos paulistas. Trazia também orientação para os compradores de escravos, aconselhando que atentassem sobretudo para o estado das juntas e para as pernas tortas dos negros, males que se agravavam com o tempo e não tinham cura (EM, 207). Entre muitas outras simpatias, indicou poções para untar a ponta dos punhais de modo a curar as punhaladas abertas na carne das vítimas de violência. Era um modo de curar feridas à distância, partindo do conhecimento de analogias entre diferentes materiais da natureza.

As forças ocultas compunham um ritual de socorros de última hora. Dava-lhes, o cirurgião, a conotação de conselhos práticos para momentos de necessidade. Para as dores de dente, repetia, da tradição oral, as receitas de enxúndia de rã ou de pó de lagarto negro, seco no forno; e afirmava: “*hum dente de defunto que morresse de pura velhice, sem frio, nem febre, tocando com elle em qualquer dente que doer o fará cahir*” (EM, 219). Incluía receitas para curar mal-olhado, sobretudo no caso de enfeitizados que ficavam impotentes: “*os dentes de hum defunto tirados da sua caveira postos em cima de brazas e defumando com elles as partes pudendas dos que estão ligados os curam certamente*” (EM, 219, 195).

Os sapos eram criaturas do mal, ingrediente indispensável nos feitiços de magia negra. Em seu livro *Erário mineral*, ensinava a cozinhá-lo até transformá-lo em pó, incorporando o conhecimento dos malefícios e divulgando os antídotos a que as vítimas poderiam recorrer se, por azar, fossem envenenadas por venenos como solimão, rosalgar, água-forte, cantáridas, napello e outros cujos efeitos ele descreve com minúcias (EM, 453).

Luis Gomes Ferreira, além de resgatar receitas da medicina popular do norte de Portugal, praticava os ensinamentos da alquimia, que ensinavam a perscrutar as virtudes medicinais de plantas nativas a fim de poder aclimatá-las ao ambiente novo das Minas. Sobre a tintura de ferro, para ser mais eficiente nos casos de obstruções do fígado, ele aconselhava servi-la em água cozida com uma mão cheia de folha de morangos ou de agrimônia.

E eu, pela experiência que tenho, digo, que nas Minas e no Brasil he mais conveniente darse a dita tintura em cozimento de raízes de salsa das hortas, e de funcho; porque estão no seu natural com toda a sua força, e vigor, e as outras vem de Portugal, e perdem muyta parte de suas virtudes; e para as câmeras de sangue se dará em água de tanchagem. (EM, 189)

Da mesma forma, tinha uma receita para hérnias ou ruturas que apareciam em crianças, difíceis de curar, cujos ingredientes ele substituíra por plantas nativas para agirem com mais eficácia:

(...) porque no Brasil não há as maçans de cipreste verdes e so poderão achar nas boticas as cascas de romans, sou de parecer que em lugar das maçans de cipreste se lancem a cozer no vinagre dois ginipapos verdes e desta sorte se pode fazer este remédio nas Minas, porque nos currais perto dellas há esta fruta. (EM, 365)

As virtudes da raiz da butua serviam de antídoto contra veneno de cobra, e contra uma série de outros males, como dores de reumatismo, doenças-da-madre. Era uma maravilhosa cura de amplo alcance. Tinha conhecido essas raízes através dos paulistas que andavam pelos sertões, os quais, por sua vez, as tinham aprendido dos Carijós.

São estes homens muyto vistos e experimentados em raízes, hervas, plantas, arvores e frutos, por andarem pelos sertoes annos e annos, não se curando de suas enfermidades senão com as taes cousas e por terem muyta communicação com os Carijós, de quem se tem alcançado cousas boas com que elles se curão a si de muytas doenças. (EM, 463)

Também deles tinha aprendido as virtudes ocultas da raiz de cipó, chamada pacacua-nha, conhecida como poalha, nomes que lhes “*derão os gentios Carijós e por elles descoberta; he uma raiz delgadinha, e com muytos nos, ennozelada e torta. Servem para curar cursos ou seja com sangue ou sem ele, assim como também servem como antídoto para veneno, assim como as triagas e as pedras bazares*” (EM, 463-4). Os índios eram conhecedores do segredo das antipatias; “*como as feras, por instinto natural*”, acometidas de um achaque, buscavam o seu contrário para curá-las. Era um mundo no qual o fantasioso não se distinguia do verossímil.

Estudioso dos processos cósmicos da natureza, Luis Gomes queria revelar seus segredos. “*Antipathia he uma certa inimizade, repugnancia, aversão, e discórdia, que tem entre si umas cousas com outras, assim viventes e sensitivas, como as que não tem vida, nem sentimento*” (EM, 156). Em Portugal, era o caso das cordas de viola feitas de tripas de lobo que não se podiam misturar com as feitas de tripas de carneiro. Era o que também acontecia com tambores cobertos com pele de ovelha e de lobo, que acabavam não dando estrondo, nem produzindo som.

Na hera com as árvores vemos o mesmo, pois as aperta e mata, como também alguns cipós no Brasil, que se enrolão, crescem e apertam as arvores, de tal modo que, sendo delgados, e as arvores muy grossas, as corta e as faz secar; as couves com as parreiras, porque ou as couves hão de crescer e a parreyra não há de dar uvas, ou ella há de permanecer e as couves não. (EM, 156)

Trazia de autores graves e sizudos receitas contra feitiços.

Estes se podem dar em diferentes iguarias e bebidas, já disfarçados em vários manjares, já em notáveis servedouros, dos quaes se seguio ficarem huns tontos, e mentecaptos, enquanto viverão; outros ligados e incapazes dos actos matrimoniaes, outros inchados como pipas, outros secos como paos, outros fugindo da gente, outros com tão grande aborrecimento a suas mulheres, que nem as podião ver, nem ouvir fallar nellas; o que tudo viu e notou e que seria impossivel referir o que neste particular experimentou e observou; porque alguns vio enfeytiçados ou endemonyados, que se queyxavão vião varias fantasmas em figuras de cavalos, elefantes, perus, serpentes, e dragoens (...) (EM, 197)

Curava os feitiços com alambres brancos, defumando-os com sementes da erva anterino, com poções de heléboro-negro, dissolvidas em erva-cidreira. Também receitava poções de *ouro-da-vida*, tiradas de autores esotéricos como Hartmano ou Bruneto, que emprestavam ao feitiço a legitimidade da palavra escrita (EM, 196).

Era um mundo no qual o fantasioso não se distinguia do verossímil. Em *Visão do Paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda (1969), de inúmeros ângulos diferentes, documentou a indiferença dos espontaneamente crédulos para com fenômenos tidos como sobrenaturais; muitos dos cronistas portugueses não se distinguiram bem os eventos prodigiosos dos rotineiros. Assim, por exemplo, Simão de Vasconcelos abonava com seu testemunho pessoal *os mais extravagantes fenômenos, como o é a metamorfose de uns bichinhos brancos, nascidos à tona da água, que julga ver, com seus olhos, fazerem-se mosquitos, estes mudarem-se em lagartixas, estas tornarem-se borboletas e finalmente as borboletas transformarem-se em colibris*.

Piero Camporesi, em seu livro *Oficina dos sentidos* (1985), interpretou esse mesmo convívio entre corpos, pedras, amuletos, animais, aves, insetos:

Era um mundo em que as pedras eram consideradas como seres vivos (teriam certamente razão), onda a fronteira entre vegetal, animal e mineral era indeterminada ou muito tênue (na Escandinávia, havia árvores cujos frutos se transformavam em pássaros e plantas de cujas folhas nasciam vermes). Era um mundo em que as mais inimagináveis transformações ou evoluções aconteciam, as formas passavam de um amálgama informal e fluida a estruturas sólidas, delimitadas, controladas, capturadas pelas redes da geometria euclidiana; estas também, enquanto tais, participavam da atmosfera difusa de angústia permanente e de perigos

latentes, com a possibilidade de deterioração, de perda de substância, de qualidades, de identidade, para inscrever-se no âmago de uma humanidade tomada pelo estupor do espontaneísmo genético, do nascimento incontrollável de *ex putri*, onde as metamorfoses, as putrefações, as fermentações, os prodígios da mudança eram imprevisíveis e onde o normal tomava por vezes a aparência do monstruoso coabitando com o impossível.⁴⁷

Luis Gomes acreditava que a medicina dependia do estudo da astronomia, idéia que por prudência não explicitava em seu livro. A seu ver, o ensino da medicina nas universidades deveria incluir conhecimentos como astrologia, cirurgia e química. Era importante cultivar os segredos da natureza nas colônias do Brasil para divulgar os remédios do novo mundo. Em seu livro, deu-se ao trabalho de incorporar os conhecimentos aprendidos dos paulistas, dos índios, assim como das frutas africanas, transplantadas para as Minas por traficantes de escravos. Contribuiu para divulgar, em seu tratado de miscelâneas medicinais e de forças ocultas, a cultura popular da época do povoamento das Minas.

No *Erário Mineral*, Luis Gomes Ferreira documentou sua experiência acerca das doenças e dos corpos humanos nas fronteiras do ouro, incorporando e divulgando, para a posteridade, um novo saber híbrido e mestiço. É interessante lembrar que os conhecimentos de alquimia e de arte divinatória dos segredos da natureza que os europeus traziam os levaram a incorporar com facilidade os costumes de cura dos indígenas e dos africanos.⁴⁸ O fato é que seu tratado inspirado em práticas ocultas reuniu os conhecimentos disponíveis para viver nas Minas no início do século das Luzes.

Recebido em agosto/2002; aprovado em agosto/2002

Notas

* Professora do Programa de Pós-graduação da PUC-SP e Professora titular de História do Brasil aposentada do departamento de História da FFLCH da USP.

¹ Neste artigo, as citações de Luis Gomes Ferreira provêm de uma cópia da edição de 1735. Foi recentemente lançada uma edição fac-similar, pela Fundação João Pinheiro de Belo Horizonte. *EM* é o modo como abreviamos as citações desta obra. A referência completa é FERREYRA, Luis Gomes. *Erário mineral dividido em doze tratados*. Lisboa occidental, Officina de Miguel Rodrigues, MDCCXXXII.

² BETHENCOURT, F. *O imaginário da magia: feiticieras, saladores e nigromantes no século XVI*. Lisboa, Projeto Universidade Aberta, 1987, p. 52.

³ REY, R. "L'âme, le corps et le vivant". In: GRMEK, M. D. e FANTINI, B. (orgs). *Histoire de la pensée médicale en Occident*. Paris, Seuil, 1997, v. 2, *De la Renaissance aux Lumières*, pp. 10-14.

⁴ GRMEK e FANTINI, op. cit., 1997, p. 57.

- ⁵ WILLEY, B. *The 17th century background. Studies in the thought of the age in relation to Poetry and Religion*. 3 ed. Londres, Penguin, 1964, pp. 51-52; CALAFATE, P. *A idéia da natureza no século XVIII em Portugal, 1740-1800*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994, p. 23.
- ⁶ LEDER, D. *The absent body*. Chicago, The University of Chicago Press, 1990, p. 29.
- ⁷ ELIADE, M. *A History of Religious Ideas. From Muhammed to the Age of Reform*. Chicago, The University of Chicago Press, 1978, v. 2, p. 298.
- ⁸ GRMEK e FANTINI, op. cit., 1997, pp. 22-23.
- ⁹ RODRIGUES, T. *Cinco séculos de quotidiano: a vida em Lisboa do século XV aos nossos dias*. Lisboa, Cosmos, 1997, p. 125; GRMEK e FANTINI, op. cit., 1997, pp. 50-51.
- ¹⁰ PARACELSE. Theophrastus. *L'art de l'alchimie*. Paris, Presses Littéraires de France, MCMML, p. 18.
- ¹¹ WISSENBACH, M. C. "Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil Colônia". In: *Erário mineral*. Belo Horizonte, Fundação Oswaldo Cruz/ João Pinheiro.
- ¹² SANTOS FILHO, L. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, p. 63.
- ¹³ YATES, F. A. *Giordano Bruno and the hermetic tradition*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1964.
- ¹⁴ PAGEL, W. *Paracelso: an introduction to Philosophical Medicine in the Age of the Renaissance*. Paris, 1963.
- ¹⁵ THOMAS, K. *Religion and the Decline of Magic*. Nova York, Scribner's Sons, 1971, p. 177.
- ¹⁶ CERTEAU, L. de. *La fable mystique XVIème – XVIIème siècle*. Paris, Gallimard, 1958, pp. 82-84.
- ¹⁷ Citado por BETHENCOURT, op. cit., 1987, p. 62.
- ¹⁸ PAIVA, J. P. *Bruxaria e superstição, 1600-1774*. Lisboa, Editorial Notícias, 2002, pp. 62-103.
- ¹⁹ FERREIRA, EM, pp. 79, 81, 105, 106, 107, 110, 246-247, 270ss, 322, 328, 344, 359, 36020
- ²⁰ FERREIRA, EM, pp. 35, 50, 104, 106, 247, 405.
- ²¹ VIGARELLO, G. *Le sain et le malsain: santé et mieux être depuis le Moyen-Âge*. Paris, Seuil, 1993, p. 93.
- ²² VIGARELLO, op. cit., 1993, p. 100.
- ²³ PARACELSE, op. cit., 1950, p. 22.
- ²⁴ VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Lisboa, Fragmentos, 1988, pp. 22, 53, 81.
- ²⁵ LISANTI, L. (org.) *Negócios coloniais: uma correspondência comercial do Século XVIII*. Brasília, Ministério da Fazenda, São Paulo, Visão Editorial, 1973, v. 1, p. 291.
- ²⁶ FIGUEIREDO, L. R. de A. e CAMPOS, M. V. (orgs.). *Código Costa Mattoso*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro/Fapemig, 1999, v. 1, p. 437.
- ²⁷ LISANTI, op. cit., 1973, v. 1, p. 278.
- ²⁸ Idem, ibidem, p. 249.
- ²⁹ Idem, ibidem, v. 1, p. 301.
- ³⁰ ELIADE, op. cit., 1978, v. 2, p. 258; POISSON, A. *Théories et symboles des alchimistes. Le Grand Oeuvre. Suivi d' un essai sur la bibliographie alchimique du XIXème siècle*. Paris, Chacornac, 1891, p. 34.
- ³¹ CERTEAU, op. cit., 1958, p. 170.

- ³² PARACELSE, op. cit., 1950, 17ss.
- ³³ POISSON, op. cit., 1891; FIGUIER, L. *L'alchimie et les alchimistes: essai historique et critique sur la philosophie hermétique*. Paris, L. Hachette, 1860, p. 43.
- ³⁴ FIGUEIREDO e CAMPOS, op. cit., 1999, v. 1, p. 437.
- ³⁵ WJSSENBACH, M. C. C. "Gomes Freire e os simplices da terra: as experiências sociais dos cirurgiões no Brasil Colônia". In: *Erário mineral*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro/Fio Cruz, v. 1, p. 123.
- ³⁶ FIGUEIREDO e CAMPOS, op. cit., 1999, v. 1, p. 181.
- ³⁷ BOXER, C. R. *The Golden Age of Brazil*. Londres, University of California Press, 1962, p. 174; FIGUEIREDO e CAMPOS, op. cit., 1999, v. 1, pp. 181-182.
- ³⁸ CAMPORESI, P. *L'officine de sens: une anthropologie baroque*. Paris, Hachette, 1985, p. 10ss.
- ³⁹ GRMEK e FANTINI, op. cit., 1997, pp. 67ss.
- ⁴⁰ Idem, ibidem, p. 164.
- ⁴¹ PEREIRA, N. M. *Compêndio narrativo do peregrino da América*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1939, v. 1, p. 23.
- ⁴² GRMEK e FANTINI, op. cit., 1997, pp. 275-278.
- ⁴³ Idem, ibidem, v. 2, pp. 275-277.
- ⁴⁴ RODRIGUES, op. cit., pp. 129, 156.
- ⁴⁵ FERREIRA, *EM*, pp. 197, 212-213, 339, 474.
- ⁴⁶ FERREIRA, *EM*, pp. 474-475.
- ⁴⁷ CAMPORESI, op. cit., 1985, pp. 9-10.
- ⁴⁸ HOLANDA, S. B. de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957, p. 104.